

## **FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE: Dilemas na Práxis de Professores de Ciências Naturais e/ou Biológicas**

*FORMACIÓN DOCENTE Y SEXUALIDAD: Dilemas en la práctica del profesorado de Ciencias Naturales y/o Biológicas*

**Caticelene de Lima Oliveira<sup>1</sup>**

**Resumo:** Objetivou-se com este estudo analisar os dilemas sobre sexualidade que são evidenciados na formação e na práxis de professores de Ciências Naturais e Biológicas. Como Referencial Teórico nos debruçamos em Freud (1978), Bonfim (2012), Foucault (1984, 1998, 1999), Furlani (2007), Imbernón (2011), Quirino (2014), Le Breton (2006), Dacroce (2011), Stearns (2010), Shaffer (2003), Muller (2013), Louro (2010), Figueró (2009) e outros não menos relevantes para esta investigação científica. Utilizou-se pesquisa do tipo descritiva e explicativa na Abordagem Qualitativa e paradigma explicativo que teve como sujeitos de pesquisa 06 Professores de Ciências Naturais e/ou Biológicas de 05 Escolas Públicas Municipais na Cidade de Almeirim no Estado do Pará com a utilização de entrevistas e questionários como instrumentos de pesquisa. Concluiu-se que não se pode afirmar que os professores a partir de suas vozes foram contemplados com o debate da sexualidade em sua formação inicial, uma vez que há ausência de conhecimento teórico da temática objeto de estudo nesta investigação; Que os professores não conseguem relacionar a teoria com a prática vivenciada no dia a dia do contexto escolar para a práxis de educar sexualmente os alunos; as Escolas não oferecem formação e tão pouco, preocupam-se com a educação sexual dos alunos; que os Professores apresentam uma visão reducionista e empírica em relação à sexualidade de forma que não educam os alunos sexualmente, partem da ideia do conhecimento sobre sexualidade de forma preventiva tendo como ponto de partida somente conhecimentos biologizantes e higienistas e que estes estão presos a dogmas construídos a partir de sua construção Histórica, social e cultural onde seus argumentos estão fortemente impregnados dos aspectos religiosos e assim, percebem sexualidade como uma temática proibida e complexa e que apresentam falas impregnadas de preconceito e assim não percebem o ser humano em sua totalidade, ou seja, reduzem o Homem a mero artefato morfofisiológico o que produz uma práxis pedagógica permeada de mitos e contradições para o debate da sexualidade.

**Palavras chaves:** Formação, Sexualidade e Práxis.

**Resumen:** *El objetivo de este estudio fue analizar los dilemas sobre la sexualidad que son evidenciados en la formación y en la práctica de los profesores de Ciencias Naturales y Biológicas. Los referentes teóricos son Freud (1978), Bonfim (2012), Foucault (1984, 1998, 1999), Furlani (2007), Imbernón (2011), Quirino (2014), Le Breton (2006),*

*Dacroce (2011), Stearns (2010), Shaffer (2003), Muller (2013), Louro (2010), Figueró (2009) y otros menos relevantes para esta investigación científica. Utilizándose investigación de tipo descriptiva y explicativa de paradigma cualitativo, teniendo como sujeto de investigación a 6 profesores de Ciencias Naturales y/o Biológicas de 05 Escuelas Públicas Municipales de la ciudad de Almerim no Estado do Pará con la utilización de entrevistas y cuestionarios como instrumentos de recolección de datos. Concluyendo que no se puede afirmar que los profesores a partir de sus palabras fueran contempladas como debate de sexualidad en su formación inicial, una vez que haya ausencia de conocimiento teórico del tema, objeto de estudio de esta investigación de acuerdo al objeto de estudio de esta investigación, los profesores no consiguen relacionar la teoría con la práctica vivenciada en el día a día en el contexto escolar para la praxis de educar en sexualidad a los alumnos; las escuelas no ofrecen formación y tampoco se preocupan por la educación sexual de los alumnos. Los profesores presentan una visión reduccionista y empírica en relación a la sexualidad biológicamente e higienista y que estos están presos de dogmas contruidos a partir de una construcción histórica, social y cultural, donde sus argumentos están fuertemente impregnados de aspectos religiosos y así, perciben la sexualidad como un tema prohibido y compleja presentando fallas impregnadas de preconceptos y así no perciben al ser humano en su totalidad, o se reducen al hombre en mero artefacto morfofisiológico o que producen una praxis pedagógicas permeadas de mitos y contradicciones para el debate de la sexualidad.*

**Palabras claves:** *Formación, sexualidad y praxis.*

## 1. INTRODUÇÃO

O ser humano se constitui como tal, por meio de processos de interação indispensáveis a apreensão dos elementos culturais a que cada sujeito está vinculado. Dentre as várias dimensões constitutivas de um sujeito e de seu grupo enfatizamos a sexualidade que é inerente ao ser humano que como uma condição cultural psíquica e biológica nos permite pensar no ser humano como sujeito de prazer, de afeto, de vontade.

Sabe-se também que a sociedade contemporânea traz no bojo das suas transformações grandes avanços e muitas exigências ligadas, sobretudo, as questões sociais. Sendo a educação um meio pelo qual as questões sociais, políticas, culturais e históricas podem ser pensadas e, também, transformadas e à escola é atribuída algumas responsabilidades que envolvem processos educativos.

Assim, a sexualidade na escola é tema de bastante debate em detrimento dos problemas como gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, homossexualismo, ou seja, um emaranhado de questões que envolvem o ser humano e que a escola enquanto espaço educativo que tem como finalidade mediar a educação formal não consegue relacionar estes aspectos como “problemas” inerentemente humanos e assim acaba por apresentar uma visão reducionista enfatizando o conhecimento da biologia a partir dos conteúdos trabalhados em sala de aula com o contexto de vida.

É a partir das incursões acerca da sexualidade que a escola precisa reconhecer sua função social na ação de educar sexualmente seus alunos. Para que isso aconteça vários pontos precisam ser ressignificados, principalmente no que diz respeito à formação docente para que a escola não somente oriente, mas também eduque sexualmente.

Os pressupostos acima permitiu questionar: **Que dilemas sobre sexualidade são evidenciados na formação e na práxis de professores de Ciências Naturais e Biológica?**

Permitindo assim, trazer os objetivos para da investigação realizada:

➤ **Objetivo Geral:**

~~Analisar os dilemas sobre sexualidade que são evidenciados na formação e na práxis de~~  
Revista Científica de Iniciación a la Investigación  
Vol. 1, nº 1, Julio 2016  
professores de Ciências Naturais e Biológicas.

➤ **Objetivos específicos**

1. Descrever o perfil dos professores de Ciências naturais e/ou Biologia do Ensino Fundamental na cidade de Almeirim.
2. Identificar conhecimentos, valores e atitudes sobre sexualidade e Educação Sexual dos professores de Ciências naturais e/ou Biológicas do município de Almeirim.
3. Identificar as práticas pedagógicas relacionadas a educação sexual dos Professores de Ciências Naturais e/ou Biológicas na cidade de Almeirim- Pa.
4. Analisar as implicações da formação do professor de Ciências Naturais e/ou Biológicas para a Educação Sexual na Educação Básica.

## **2. FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE**

### **2.1- Formação Docente**

Sabe-se que nas últimas décadas o Sistema Educacional Brasileiro tem se preocupado com qualidade do ensino, mediante a esta questão despertou-se um maior interesse pela formação dos educadores, uma vez que não se pode falar em mudanças na educação sem pensar na formação desses profissionais, para que assim os mesmos possam atender as necessidades exigidas em seu cotidiano em sala de aula, assim como um melhor desempenho em seu fazer pedagógico.

Pela formação, afirmam Gatti (2010), Contreras (2002), Nóvoa (1992) ser possível vislumbrar possibilidades de rompimento de situações que atuam na direção contrária de um processo educativo escolar voltado para a transformação social, para o empoderamento do indivíduo, ou seja, para a construção de um modelo de educação que toma a cooperação entre os atores sociais da escola e de fora dela como pré-requisito para se caminhar contra as contradições sociais, políticas, econômicas e culturais que colocam professores e alunos em condições desfavoráveis para concretizar um processo educativo que contribua para a dignidade humana.

Embora existam muitos movimentos em torno da formação dos professores, é importante salientar que os resultados obtidos, a partir desses investimentos, se mostram pouco significativos, uma vez que não só a formação do professor deve ser tomada como elemento fundamental das mudanças necessárias, mas também outros fatores que atuam, tanto no sentido de contribuir, quanto de desfavorecer o processo educativo

---

escolar. Família na escola, condições estruturais, valorização profissional são apenas alguns dos muitos fatores que atuam para que a discussão não só da sexualidade, como da educação, de modo geral, se construa no sentido de qualificar a trabalho o professor e

melhorar os resultados e, por conseguinte, a qualidade da qual tanto se fala.

Pensar a formação docente implica em pensar no currículo, pois é a partir dele que somos capazes de vislumbrar os conhecimentos que servem de base para demarcar um perfil profissional. Pelo currículo evidenciado oficial e pelo currículo praticado é possível perceber as forças que atuam de modo mais efetivo e se tornaram mais significativas para que um de terminado profissional ou sujeito da sociedade se coloque desta ou daquela maneira. Nesses termos, o currículo é, como veremos, a seguir o substrato que determinado modos de atuação profissional e social.

No âmbito da educação, conforme o contexto histórico, o vocábulo currículo apresenta uma variação, na busca de atender as necessidades que são impostas pelas circunstâncias do momento de determinados contextos sociais. Segundo Pilete (2010), tradicionalmente currículo significou uma relação de matérias ou disciplinas, com um corpo de conhecimentos organizados sequencialmente em termos lógicos.

Concordando com o autor referido, Sacristán (1998), afirma que o currículo implica a ideia de regular e controlar a distribuição do conhecimento, além de estabelecer a ordem de sua distribuição. O autor ressalta ainda que o currículo possui um papel regulador da prática e, portanto, regulador da ação educativa.

O currículo, então, é um meio pelo qual a escola se organiza, propõe os seus caminhos e a orientação para a prática. Não podemos pensar numa escola sem pensar em seu currículo e em seus objetivos. Todavia, não estamos propondo isto apenas de forma burocrática e mecânica, como propunha a teoria tradicional, mas percebendo todo o contexto em que isto ocorre e as conseqüências na prática pedagógica e na formação do educando. (SACRISTÁN, 2000, p. 15).

Percebe-se a partir da visão do autor, que o currículo é o meio pelo qual o ensino se realiza, é através de seus conteúdos que as instituições se organizam, para que desta forma atinjam seus objetivos.

A partir das incursões sobre currículo é que se inicia o debate da formação, uma vez que ambos são elementos indissociáveis, e assim, A formação docente no Brasil ainda é palco de discussões na atualidade, uma vez que em sua construção histórica durante muito tempo, não era reconhecida como um aspecto relevante para o desenvolvimento de uma sociedade.

Percebe-se que o posicionamento marginalizador, opressor que a cultura européia fez com que a população brasileira encontrada no período colonial, os “índios”, fossem tomadas como sujeitos que necessitavam educar-se, o que para o contexto da época era uma necessidade visível de catequização, na garantia dos interesses da coroa portuguesa

que aqui se mantinham, em busca de riquezas brasileiras para a recuperação da economia Europeia que se encontrava fragilizada.

Ao longo desse período em que a coroa portuguesa se manteve presente em solo brasileiro o modelo de educação implantado se distanciava de qualquer possibilidade de formação voltada para a autonomia dos sujeitos.

Embora Saviani (1999) apresente a discussão de que a Formação de Professores já era um aspecto social de relevância preconizado por Comenius já no século XVII, século este chamado século das Luzes, no contexto brasileiro essa não era uma preocupação evidenciada, até porque aos filhos dos nobres, em um primeiro momento não passavam pelo processo de formação mais avançada no Brasil. Os herdeiros das famílias abastadas eram enviados para Europa, a fim de receber uma educação voltada, sobretudo, para ocupar os lugares já assumidos por seus antecessores.

O Iluminismo representou um movimento no qual “homem” cansado dos mandos e desmandos da Igreja Católica, traz à racionalidade, a razão para a emergência de uma nova classe social, a burguesia, se mostrou decidida a mudar os rumos da relação que se estabeleciam entre igreja, monarquia e burguesia.

Este momento do surgimento de uma nova classe social, também demarca historicamente a ascensão do capitalismo e uma sociedade “gritante” por mão de obra mais qualificada. Voltando a formação de professores no Brasil Saviani (2009) afirma que a questão do preparo de professores emerge de forma explícita após a independência, quando se cogita da organização da instrução popular, a educação formal para a massa.

Saviani (2009) também traz para o debate que podemos distinguir os seguintes períodos na história da formação de professores no Brasil:

1. Ensaio intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estende-se até 1890, quando prevalece o modelo das Escolas Normais.
2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial é a reforma paulista da Escola Normal tendo como anexo a escola-modelo.
3. Organização dos Institutos de Educação (1932- 1939), cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933.
4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e

consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971).

5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996).
6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006) .(SAVIANI, 2009,p.143-144)

Com a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores em 2002, esta passou a estabelecer um outro olhar para a formação de Professores no Brasil, todavia ainda com uma visão reducionista das especificidades de formação para cada área de estudo, o que continuou prevalecendo nos anos subsequentes quando o Conselho Nacional de Educação estabeleceu as Diretrizes Curriculares para cada Licenciatura. O reducionismo, aqui exposto, se retrata pela ausência, ou pouca presença de espaço para a formação pedagógica, dando ênfase somente na área disciplinar específica (SAVIANI, 2009).

Ao se fazer uma comparação com outros contextos sociais, os países europeus, por exemplo, valorizam primeiramente a formação de professor, ou seja, a formação pedagógica, e posteriormente busca-se a formação específica, garantindo assim, uma formação de professores, primeiramente, global, e depois as especificações de acordo com as áreas de interesse profissional e de atuação docente.

Libâneo e Pimenta (1999, p. 241) destacam que “atualmente, a atuação do Ministério da Educação e do CNE na regulamentação da LDB no 9.394/96 tem provocado a mobilização dos educadores de todos os níveis de ensino para rediscutir a formação de profissionais da educação”.

O movimento desses educadores tem demonstrado que é preciso considerar, de acordo com Libâneo e Pimenta (1999, p.242) que:

- Não bastam iniciativas de formulação de reformas curriculares, princípios norteadores de formação, novas competências profissionais, novos eixos curriculares, basecomum nacional etc.

- Faz se necessária e urgente a definição explícita de uma estrutura organizacional para um sistema nacional de formação de profissionais da educação.

Vol. 1 n° 1, Julio 2016.

Esses apontamentos incidem diretamente na práxis do professor, seja ele, de Ciências Naturais ou Biológicas, ou de outro campo disciplinar. Aquilo que se mostra

ausente na formação do professor, seja do ponto de vista pedagógico ou do ponto de vista da especificidade do campo disciplinar reflete o potencial de atuação docente com vista a práxis, que deve ser desenvolvida reconhecendo que:

[...] o professor é um profissional do humano que: ajuda o desenvolvimento pessoal/intersubjetivo do aluno; um facilitador do acesso do aluno ao conhecimento (informador informado); um ser de cultura que domina de forma profunda sua área de especialidade (científica e pedagógica/educacional) e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, portanto, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade de profissionais, portanto, científica (que produz conhecimento sobre sua área) e social (LIBÂNEO E PIMENTA, 1999, p. 262)

Nas últimas décadas, a preocupação com a formação dos educadores que atuarão na educação básica tem sido um dos principais pontos de discussão no campo educacional. Essa preocupação acentuou-se a partir dos anos 90, quando a LDB, em seu Título IV, trata a formação dos profissionais da educação, afirmando em seu artigo 62 que:

Diz a referida lei que a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries de ensino fundamental, oferecida em ensino médio, na modalidade normal.

Assim, a formação inicial passa a ocupar lugar de destaque nos projetos educacionais, sendo um fator importante para o exercício da docência, uma vez que na formação o educador amplia sua visão sobre a atividade educacional, passando a vê-la como resultado de um aprendizado teórico.

## **2.2- Conceituando Sexualidade**

Entende-se que a sexualidade é um conceito amplo que não pode ser definido em poucos termos, pois sendo dinâmico determina interpretações diversas e, em alguns casos, até mesmo contraditórias.

De acordo com Foucault (1998), a sexualidade surgiu a partir de uma invenção social, baseado em um debate sobre sexo, e nesta discussão buscava-se regularizar as normas, que serviriam ao sexo. O autor ainda afirma que:

a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciais, pedagógicas e médicas. Mudanças do modo pelo qual indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. (FOUCAULT, 1998, p.9)

Assim, o termo sexualidade ganhou espaço nos meios de comunicação, nos livros didáticos, ou até mesmo em rodas de conversas, onde, por vezes, esse termo está vinculado às genitálias sexuais, masculina e feminina ou a cenas de sexo, um mero ato de repasse de informações que nem sempre serviram de fato para o debate da referida temática, mas que provocou grandes dúvidas e até mesmo o aumento de tabus, principalmente sociais ao ponto da escola sentir medo e assim ocultar qualquer tipo de diálogo sobre o referido assunto.

Neste sentido, nos debruçamos em leituras para fomentar este debate, onde também, parte-se da ideia que conforme o Dicionário de Psicologia Dorsch (2008), tradicionalmente define-se a sexualidade como todas as expressões da vida fundadas no sexo.

Esta visão de que somente o sexo, “o ato de fazer filhos”, procriação perpetuou-se por muito tempo e ainda hoje este conceito é muito utilizado na sociedade.

No entanto, faz-se necessário entender a sexualidade a partir de Furlani (2007, p. 11) como uma construção histórica, social e cultural. Dessa forma entende-se que:

A sexualidade consiste numa construção social, historicamente datada e culturalmente localizada, que transcende a genitalidade [...] Sexualidade está intimamente ligada à cultura, à educação, à personalidade e às circunstâncias emocionais do indivíduo; não envolvendo somente os órgãos genitais, mas também as zonas erógenas do corpo, os impulsos, desejos e fantasias; dessa forma, não abrange somente o ato sexual, que pode ser visto como um meio de reprodução e também como meio de comunicação, utilizado pelo impulso primitivo da reprodução e do prazer. Todo ser humano experimenta a sexualidade, e o sexo não se faz presente em toda manifestação da sexualidade, visto que esta não visa única e exclusivamente aos deleites provenientes do sexo. (Telarolli, apud. Kupstas, 2000, p. 22)

Ainda pensando no que Telarolli ressalta, Muller (2013) diz que o ato sexual se define como o contato físico, ou virtual composto por todo tipo de prática que pode despertar desejo, excitação, orgasmo e prazer; algo que ocorre a partir da estimulação erótica desencadeada por meio dos cinco sentidos (tato, olfato, audição, visão e paladar) e também da imaginação. Para Nunes e Silva (2000, p.74) o sexo é compreendido como

marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal.

A partir do exposto, percebe-se que a sexualidade não se reduz aos órgãos genitais e nem tão pouco ao ato sexual, pois é uma expressão muito mais abrangente, para tanto, é importante compreender que as genitálias, bem como o ato sexual fazem parte da sexualidade. Assim,

A sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da sua vida e engloba sexo, identidade e papel de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. A sexualidade pode envolver todas estas dimensões, mas nem sempre todas são vivenciadas ou expressas.(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, BRASIL, 2009, p.121)

O dicionário de Psicologia Dorsch (2008), define sexualidade como um termo ambíguo, pois significa tanto a pura realidade sexual do homem e da mulher, como também o instinto sexual com suas amplas variações e irradiações e seu poder de criação cultural. Neste sentido,

A sexualidade é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem [...]. A sexualidade transcende a consideração meramente biológica, centrada na reprodução das capacidades instintivas [...]. A sexualidade é a própria vivência e significação do sexo, para além do determinismo naturalista, isto é, carrega dentro de si a intencionalidade e a escolha, que a tornam uma dimensão humana, dialógica, cultural [...]. (NUNES & SILVA, 2000, p.73)

Portanto, a sexualidade constitui-se em uma manifestação, que a nível humano extrapola o simples prazer ou ato de reprodução, e adentra as relações sociais, econômicas e políticas. Dessa forma, a sexualidade constitui-se num componente cultural da vida humana, sobretudo no que diz respeito à construção do comportamento e identidades.

### **2.3. A Escola que Educa para a Sexualidade**

Apesar da sociedade nos últimos anos ter passado por um processo de modernização, discutir em família temas como sexualidade e ainda é um tabu. Neste sentido, compete à escola a responsabilidade de abordar o tema a ao professor de Ciências ou Biologia, pela pertinência curricular no seu campo disciplinar, o encargo pela educação sexual no contexto escolar, como possibilidade da formação de futuras gerações capazes de discutir sexualidade em outros contextos, independentemente do ambiente escolar.

A sexualidade ligada às questões educacionais passou a ser mais discutida a partir de Sigmund Freud, que demonstrou a importância da sexualidade na vida humana. Ao nos debruçarmos na literatura de Freud, está nos mostra que a sexualidade humana se constrói desde os primeiros anos de vida, onde a afetividade que vivenciamos em nosso processo de desenvolvimento acaba por demarcar nossa subjetividade, daí a relevância de se abordar sexualidade desde a infância, uma vez que a criança através de sua curiosidade aguçada apresenta características próprias em cada fase de seu desenvolvimento. Assim

Começamos a falar de sexualidade de maneira não verbal, pois, quando nascemos, nossa percepção é sensorial, assim como nosso corpo. É pelo toque, pelo modo como a mãe amamenta seu filho, como o embalo no colo, como acaricia, o abraçar, falar com ele, olhar para ele, o amar, que a sexualidade e a subjetividade da criança vão se desenvolvendo. Uma criança sente quando é amada e quando seus pais se tratam com afetividade, admiração e respeito. Ou seja, a educação sexual se dá também, e especialmente, por meio dos comportamentos que a criança vivencia na sexualidade dos pais, da sociedade. (BONFIM, 2012, p. 73).

Ao se falar em desenvolvimento, aqui no caso o psicosssexual, Freud (1978) estabeleceu<sup>05</sup> (cinco) fases que se diferenciam de acordo com os órgãos e objetos com os quais a criança sente prazer.

A primeira fase, esta identificada nos primeiros momentos de vida, a qual o autor denominou de fase Oral, uma vez que a fonte de prazer concentra-se na boca por meio do reflexo de sucção do seio, dos dedos e de tudo que a criança possa a vir levar a boca.

A segunda fase, denominada de fase anal, a criança passa a sentir prazer a partir do controle do esfíncter, que também se dá pelas sensações provocadas pelo estímulo anal e nas suas excreções, o ato de defecar, onde este momento permite a criança brincar e manipular suas fezes reconhecendo assim as texturas cremosas. Na terceira fase, chamada fálica, o órgão genital masculino apresenta-se como fonte de prazer, sendo o único órgão sexual que tanto meninos quanto meninas reconhecem.

Segundo Freud (1978) é na fase fálica que surge o interesse pela masturbação. A quarta fase, conforme o autor denomina-se de Latência, onde os impulsos sexuais passam a dar espaço a outras atividades e habilidades sociais e esportivas. A última fase, denominada de genital, ocorre na adolescência a partir do retorno dos impulsos sexuais, que neste momento se afloram, onde o corpo do outro passa a ser objeto de satisfação, por isso que o autor supracitado afirma que a sexualidade no que diz respeito ao desenvolvimento psicosssexual se dá pelos órgãos o que se percebe nas primeiras fases e pelo objeto quando o estímulo sexual passa a ser outro indivíduo.

Diante das considerações acima, percebe-se que família e a escola são as instituições mais apropriadas para educar sexualmente, garantindo às crianças, adolescentes e jovens a construção de sua autonomia e de sua identidade, aqui no caso, a própria identidade e autonomia sexual. Neste sentido,

Professores e famílias possuem admiráveis papéis na formação dos jovens cidadãos, em que a escola é um importante espaço para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde e para a vida entre crianças e adolescentes, pois, por meio da discussão da temática sexualidade e de seus desdobramentos pode-se motivar reflexões individuais e coletivas que possam contribuir para a minimização de ações discriminatórias e preconceituosas. (QUIRINO, 2014, p.67).

Para tanto, discutir em família *temas* relacionados à *sexualidade* ainda é um tabu, uma vez que envolve padrões sociais e morais que estão atrelados a fatores históricos e culturais pautados em valores patriarcais. Neste sentido,

O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação das crianças e jovens. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade. (BRASIL, 1996, p.291)

Assim fica a cargo da escola, também em quanto sua função social, educar e oferecer conhecimento acerca da sexualidade, de forma a preparar cidadãos para uma vivência qualitativa e emancipatória, que assuma uma postura sexual responsável.

Como cita Faria (1997), a escola deve viabilizar experiências saudáveis da sexualidade e favorecer a qualidade das relações e inter-relações que acontecem em seu espaço, assim,

[...] viabilizar ambientes de vida no contexto educativo, onde as crianças pequenas possam expressar nas mais diferentes intensidades todas as linguagens, conviver com todas as diferenças (de gênero, de idade, de classe, de religiões, de etnia e culturas etc.), exercitando a tolerância (e não o conformismo), a solidariedade, a cooperação e outros comportamentos e valores de caráter coletivo concomitantemente com a construção de sua identidade e autonomia [...]. (FARIA, 1997, p.17)

E assim, a escola possui a missão de proporcionar uma educação sexual baseada em reflexões sobre a sexualidade dos alunos, abrindo espaços para o diálogo e, desta forma, rever novos conceitos, produzindo conhecimentos a cerca desta temática.

Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser clara, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes. (BRASIL, 1998, p.307).

Segundo Louro (2013), a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligada ou algo do qual alguém possa se “despir”. Diante deste contexto, Nunes (1997, p.27) diz que a escola passa a ser um ambiente importante para a construção de uma vida sexual plena e saudável, a escola é o espaço também de crítica sobre a sexualidade estabelecida e o laboratório das novas

significações e vivências. Diante disso,

Quanto mais estudamos e vivenciamos na práxis os diálogos e experiências sobre sexualidade humana, notamos a necessidade de aprender cada vez mais, principalmente no que diz respeito com as forma como os adolescentes e jovens vivem sua sexualidade nos dias de hoje. (BOMFIM, 2012, p. 16).

É a partir deste pressuposto que se faz necessário compreender o que é educação sexual e de que forma está se diferencia de orientação sexual no espaço escolar. Entender também quando a escola educa sexualmente ou quando orienta sexualmente.

Estas estrelinhas parte das incursões, dos diálogos tecidos com os autores referendados e que até, de certa forma, promovem novos questionamentos quando ao nos debruçarmos nos PCN's, no que diz respeito aos temas transversais, adota a terminologia Orientação Sexual para o debate da sexualidade na escola.

Bonfim (2012) define a educação sexual como uma prática ou ação de transmissão de conhecimentos, representações valores e práticas, ou seja, é essencialmente uma forma de educação. Desta forma,

Como prática educacional é uma questão cultural, histórica e social, seu entendimento é marcado pelas mudanças ocorridas no modo de produção basilar da sociedade, envolvendo, além da dimensão biológica, a subjetividade, a afetividade, a ética o desejo, a religiosidade, entre outras dimensões. (BONFIM, 2012, p.38).

Diante do exposto, percebe-se que trabalhar a educação sexual no espaço escolar é necessário considerar os aspectos socioculturais, históricos e os inerentes da própria personalidade humana.

De acordo com Saviane (1999, p.98) toda prática educativa contém inevitavelmente uma prática política. Neste sentido, Bonfim (2012) enfatiza que educar significa estabelecer uma posição política e, tendo como objetivo principal a manutenção ou a mudança da estrutura do poder.

Desta forma, quando se aborda a educação sexual é importante ter em mente que educar significa estabelecer uma posição política, assim, como afirma Bonfim (2012, p.31), a forma como tratamos do tema pode contribuir para repressão, para emancipação ou até mesmo para a consolidação da visão mercantilista da sexualidade.

Nesse sentido, a maneira de como é conduzida a educação sexual, seja está diante um processo de educação formal ou informal, pode consolidar uma sexualidade reprimida quando é demonstrada ou ensinada através de mandos e ou desmandos calcadas por ideias de uma sociedade patriarcal, onde falar desta temática ainda é um entrave, uma vez que é permeada de preconceito, valores morais construídos ao longo dos tempos.

Por sua vez, uma proposta emancipatória está voltada para a reflexão sobre comportamentos, como superar os preconceitos e situações de discriminação. Não se quer aqui negar os valores morais construídos ao longo da história do homem, todavia o que se busca é a reflexão acerca da discussão da referida temática. Assim,

Uma abordagem emancipatória pressupõe desvendar esses modelos e projetar a ruptura de ordens estabelecidas, na busca de um novo modelo que aponte para uma nova sociedade que estabeleça a igualdade, atendendo à diversidade cultural, com uma nova compreensão da dimensão da sexualidade como parte indissociável dos direitos humanos no processo de construção da cidadania. (MELO & POCIVI, 2002, p.39).

Percebe-se, a partir desta perspectiva, que temas relacionado à sexualidade no contexto da educação sexual não podem ser abordados de maneiras simplistas, superficiais, pois sim assim for, estará se reduzindo a meras informações que podem ou não se transformarem em aprendizagens significativas, ou seja, aquilo que o aluno possa aprender e utilizar nas vivências de seu cotidiano.

Corroborando,

A educação sexual que queremos não se resume a um amontoado de informações sobre biologia ou prescrições medicas e higienistas, como distribuição de preservativos e anticoncepcionais, ou campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST's). Embora estas representem informações e providenciam extremamente relevantes, elas não são por si só, suficientes para despertar a reflexão crítica que leva a aquisição da consciência e, conseqüentemente a mudança de comportamentos. (BONFIM, 2012, p. 33-34).

Ao nos debruçarmos na contribuição de Bonfim (2012) está nos demonstra que os conteúdos referente a temática são importantes, todavia a forma como estes estão sendo trabalhados nos permite de fato saber o momento em que a escola educa ou orienta.

Na visão da referida autora o repasse de informações de conteúdos das ciências

biológicas seria uma forma de orientação sexual, diante de um aprendizado sistematizado em aulas expositivas e dialogado, todavia o repasse destas informações não proporciona um olhar reflexivo, fazendo o aluno interagir em um campo mais amplo, onde corpo e mente se inter-relacionam na busca da qualidade de vida para o fortalecimento da cidadania como um ser que age e pensa, seu pensar ressignifica suas ações, este seria o ápice da educação sexual na escola.

Neste sentido,

A educação sexual que queremos não se resume a um amontoado de informações sobre biologia ou prescrições médicas e higienistas, como distribuição de preservativos e anticoncepcionais, ou campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Embora estas representem informações e providências extremamente relevantes, elas não são, por si só, suficientes para despertar a reflexão crítica que leva a aquisição da consciência e, conseqüentemente, à mudança de comportamento. (BONFIM, 2012, p.35-36)

Percebe-se então, para que de fato ocorra a educação sexual é necessário que se aborde a sexualidade dentro de um enfoque sociocultural, promovendo discussões e esclarecimento acerca da identidade de gênero, identidade sexual, assim como as determinadas formas de viver a masculinidade, a feminilidade, enfim, compreender que a diversidade sexual, assim como as diversas formas de viver a sexualidade fazem parte da vida da humanidade, que vai muito além dos conteúdos biológicos que enfatizam o aparelho reprodutor humano, gravidez na adolescência, o uso de preservativos entre outros.

Bonfim (2012) ressaltar que não se deve desconsiderar a importância do conteúdo biológico, visto que as mesmas são fundamentais, mas não são suficientes para a superação das problemáticas atuais. Dessa forma,

Temos que abordar a sexualidade com toda a seriedade e a amplitude de que ela necessita ir além do lado negativo, como tem sido feito na maioria das escolas até hoje. Claro que falar das DSTs, AIDs, gravidez não planejada também é necessário, mas somente essas informações, dissociadas do conhecimento de como a sexualidade se desenvolve e de um debate crítico sobre a forma como a sociedade condiciona historicamente nossa forma de vivê-la, não educa ninguém. (BONFIM,2012,p.66).

Percebe-se então, que a temática sexualidade está presente nas escolas, todavia, cerceada por diferentes práticas e variados interesses, por isso investigar como está sendo abordada a educação sexual se faz necessário, para que a partir das incursões sobre a temática, a escola possa ampliar a visão de mundo dos alunos fazendo-o refletir sobre seus próprios valores, no que se refere à sexualidade.

### 3. Metodologia

A pesquisa partiu de um modelo não experimental, uma vez que não houve manipulação de variáveis, e da transversalidade, já que a pesquisa ocorreu apenas em um dado momento, não havendo nenhuma interferência por parte do investigador na manipulação de dados.

O estudo aqui proposto foi do tipo **descritivo e explicativo** no paradigma **interpretativo**, onde possibilitou entender o fenômeno estudado, percebendo suas igualdades e a sua própria individualização, no caso a influência da formação docente na práxis da sexualidade em sala de aula.

A abordagem utilizada é a **Qualitativa**. Ressalta-se que a abordagem de uma pesquisa está relacionada à forma com que se dialoga, se interpreta e se descreve os dados. Para esta investigação a importância não é numérica, mas sim as entrelinhas das falas dos sujeitos de pesquisa no bojo de suas percepções, análises, pensamentos e concepções a partir da temática aqui proposta.

Triviños (1987, p. 128-30), quando trata desse tema, apresenta as contribuições de Bogdan que indica as seguintes características para a pesquisa qualitativa, a qual se cita:

- 1<sup>a</sup>) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.
- 2<sup>a</sup>) A pesquisa qualitativa é descritiva.
- 3<sup>a</sup>) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
- 4<sup>a</sup>) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.
- 5<sup>a</sup>) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

A pesquisa no que diz respeito ao lugar de Estudo ocorreu no espaço urbano da Cidade de Almeirim no Estado do Pará tendo como lócus de pesquisa cinco (05) escolas do ensino fundamental do 6º ao 9º ano.

Os sujeitos de pesquisa foram seis (06) professores de Ciências Naturais e/ou Biológicas

representando estes 100% da população nesta investigação. Para escolha destes sujeitos de pesquisa obedeceu aos seguintes critérios:

- **1º Critério:** Possuir Graduação em Licenciatura Plena Ciências Naturais e/ou Biologia.
- **2º Critério:** Estar lotado em uma Escola da Cidade de Almeirim no espaço urbano.
- **3º Critério:** Estar em Regência de Classe.
- **4º Critério:** Disponibilidade em participar da pesquisa.
- **5º Critério:** Aceitabilidade em participar da Pesquisa.

Para o alcance dos objetivos aqui propostos utilizou-se como instrumentos de pesquisa questionário aberto, questionário fechado e entrevista semiestruturada para todos os sujeitos desta investigação.

A análise dos dados partiu-se da análise descritiva explicativa onde se relacionou a teoria estudada com as percepções dos sujeitos de acordo com os objetivos já referidos nesta investigação científica.

Assim o aparato metodológico desta pesquisa foi organizada:

1ª Fase: Leitura e fomentação de referencial teórico.

2ª fase: Confeccionar ou fazer os instrumentos e validá-los. 3ª fase:

Aplicar os instrumentos.

4ª fase: Estudo dos dados.

5ª fase: Análises e processamento dos dados estabelecendo parâmetros de análise.

6ª fase: Conclusão (recomendações e impacto).

#### 4. **Resultados e Discussão Final**

A sexualidade é um tema que cada vez mais se destaca na sociedade, isto é relevante a partir dos pressupostos que a considera como uma qualidade, talvez mais forte e misteriosa do ser humano.

Misteriosa por não compreendermos e não conseguirmos desvendá-la mesmo diante de tantos teóricos e pesquisa já realizadas. Fato este que no arcabouço da história da sexualidade já contada nesta investigação, não se foi possível chegar a uma concepção de sexualidade inerente ao ser humano levando em consideração sua própria espécie.

As incursões acima descritas demonstram que pensar em sexualidade é também, reconhecer que esta é individual, ou seja, é construída a partir da cultura, do meio no qual o indivíduo está inserido, bem como a construção de sua própria história.

O que se quer afirmar é que somos diferentes, pensamos diferentes e assim, portanto, construímos a nossa sexualidade de forma diferente. Neste contexto, a Escola, enquanto espaço de desenvolvimento do conhecimento científico não pode eximir-se desta discussão e tão pouco negar a existência das diferenças.

Faz-se necessário pensar na diversidade, elemento que de fato deve subsidiar o debate da sexualidade na escola, promovendo o respeito às diferenças. Assim, após estudo realizado observou-se que a sexualidade, apesar de toda a construção teórica em torno do assunto, a ausência da relação teoria e prática ainda é negligenciada como um tema relevante a ser trabalhado no ambiente escolar.

A escola, por muitas vezes, se mostra aquém dessas questões, sem condições, inclusive, de discutir sobre elas. Isso é reflexo de profissionais que não desenvolveram habilidades durante sua formação, de famílias que trazem em sua história valores, crenças e tabus, da falta de uma organização pedagógica capaz de reconhecer na questão da sexualidade uma demanda emergencial a ser atendida.

Mediante as questões apontadas durante a análise desta pesquisa observou-se a extrema necessidade de formação continuada no que diz respeito ao reconhecimento das teorias sobre sexualidade e educação sexual para assim, resignificar a práxis e preparar os professores de Ciências Naturais e /ou Biológicas na Cidade de Almeirim, legitimando a ação de educar sexualmente a comunidade escolar para a vivência da sexualidade em seu sentido mais amplo e para a valorização desta como tema fundamental a ser incluído no currículo escolar a partir da transversalidade que o constitui.

Diante do exposto buscou-se com esta investigação demonstrar a necessidade da importância do debate da formação docente para a construção da práxis dos professores do curso de Ciências Naturais e/ou Biológicas, em foco a sexualidade para a educação sexual dos alunos no ensino fundamental, pois é a partir de seus processos formativos, de sua atuação e as consequências destas para possíveis ressignificações das discussões sobre sexualidade, que os professores irão adquirir conhecimentos teóricos práticos em relação a este tema.

Isto é importante visto que as discussões sobre identidade de gênero ou sexual, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis que se encontram atreladas quase que exclusivamente, nas aulas de Ciências e Biologia, assim delegando aos professores dessas

disciplinas a responsabilidade pela práxis educacional relacionadas à sexualidade.

Sabe-se também que é a partir da formação inicial que o professor construirá sua prática pedagógica, promovendo ações mais efetivas, capazes de contribuir com a formação de uma juventude apta a ocupar um lugar sociocultural na sociedade.

É pensar a sexualidade e a atuação do professor de Ciências Naturais e/ou Biologia a partir das atuais condições objetivas que se mostram na sociedade contemporânea e que ganham forma à medida que assim como outras situações a sexualidade se constitui como objeto/fenômeno capaz de dizer das vivências e das produções de sentidos que hoje povoam a mente de professores e alunos da Educação Básica e que orientam suas práticas sociais.

### **Objetivo 1- Descrever o perfil sócio demográfico dos professores de Ciências Naturais e/ou Biológicas do Ensino Fundamental da cidade de Almeirim- PA.**

O perfil sócio demográfico permitiu ser descrito a partir dos dados coletados, que:

- **Naturalidade:** Todos os professores são paraenses;
- **Idade e Gênero:** Estão em uma faixa etária entre 30 a 39 anos e o percentual de homens e mulheres dividindo o espaço de trabalho é o mesmo;
- **Religião:** Os dados também demonstram que há uma predominância de professores evangélicos atuando na área de Ciências naturais e/ou Biológicas;
- **Formação:** Quanto à formação 100% dos professores pesquisados são licenciados em Ciências Naturais e ou Biologia e atuam em sua área de formação e a maioria possui especialização *Lato Sensu*, atuando entre 10 a 13 anos na docência.
- **Motivação:** Os dados também demonstram que os professores foram motivados a ingressarem no curso de Ciências Naturais e/ou Biológicas por gostarem dos componentes curriculares do curso.
- **Reconhecimento docente:** Para os professores o que lhes reconhecem como docente é a sua experiência e conhecimentos acumulados ao longo do tempo, todos os professores concordam que a relação do seu “eu” humano e a profissão docente é baseado na competência, habilidade e afetividade.
- **Renda Mensal:** No que se refere à renda mensal dos professores de Almeirim, percebe-se que a renda dos professores varia entre um a dez salários mínimos.

**Objetivo 2- Identificar conhecimentos, valores e atitudes sobre sexualidade e Educação Sexual dos professores de Ciências Naturais e/ou Biológicas da cidade de Almeirim-PA.**

Durante a análise dos dados verificou-se a fragilidade e a insegurança dos professores em conceituar sexualidade, tendo os mesmos, uma visão limitada, apresentando uma concepção simplista e empírica acerca do tema, permanecendo como assunto restrito as Ciências Biológicas, desconsiderando-se assim, a dimensão sociocultural construída ao longo do processo histórico. A educação sexual Para os professores aqui entrevistados fundamenta-se em conteúdos bio-fisiológicos, não atendendo uma educação sexual que contemple a questão da sexualidade, uma vez que ficam fora do debate questões relacionadas à identidade de gênero e sexual, assim como problematizar questões que envolvem crenças, tabus e valores associados a sexualidade.

Percebeu-se durante a pesquisa que os discursos dos professores são sobrecarregado de valores culturais e religiosos, adotando seus valores pessoais como verdadeiros e absolutos, terminando por construir elementos que reforçam os tabus e preconceitos presentes em nossa cultura. Esses discursos impregnados de valores pessoais demonstram que os professores não foram imparcial perante alguns temas como virgindade, homossexualismo, mantendo, assim, o tabu, a censura, o conservadorismo com relação à questão da sexualidade.

**Objetivo 03: Identificar as práticas pedagógicas relacionadas a educação sexual dos Professores de Ciências Naturais e/ou Biológicas na Cidade de Almeirim- Pa.**

Durante a pesquisa ficou claro que os problemas relacionados à sexualidade estão presentes no cotidiano escolar. As práticas pedagógicas adotadas pelos professores são baseadas no diálogo e outras metodologias que deveriam promover o debate sobre o tema. Para tanto, os professores não conseguem relacionar as questões sobre sexualidade com o contexto da vida dos alunos, uma vez que as práticas docentes ainda fundamentam-se nos conhecimentos específicos da disciplina, isto demonstra que as práticas dos professores aqui pesquisados são descontextualizadas, pois se desconsidera os aspectos históricos, socioculturais e políticos do contexto de seus alunos.

Observou-se que além da falta de preparo teórico e prático dos professores para trabalhar com o tema, consequência de uma formação deficiente, eles ainda enfrentam outras dificuldades para desenvolver sua prática pedagógica em sala de aula, como a rejeição da família que não aceita o debate sobre a sexualidade, como também, falta de projetos na escola

voltados para a educação sexual de seus alunos, além da discussão da referida temática no Projeto Político Pedagógico da Escola.

#### **Objetivo 4-Analisar as implicações da formação do professor de Ciências Naturais e/ou Biológicas para a Educação Sexual na Educação Básica.**

Sabe-se que a formação é um processo que requer do professor um olhar crítico sobre suas representações pessoais, concepções, valores e crenças, para tanto, os relatos dos professores pesquisados demonstram que os mesmos não conseguiram superar, durante sua formação, a forma de pensar, as atitudes, os valores e conceitos sobre o tema sexualidade, adquiridos ao longo de suas histórias de vida.

Percebe-se que os professores pesquisados não adquiriram conhecimento teórico acerca da sexualidade durante a formação inicial, fato que influenciou em sua prática pedagógica, limitando o desempenho desses profissionais em sala de aula, gerando desconforto e insegurança em algumas situações que estão relacionadas ao tema.

A partir das respostas aos objetivos específicos, faz-se necessário então, responder a questão problema nesta pesquisa, a qual trago para o contexto: **Que dilemas sobre sexualidade são evidenciados na formação e na práxis de professores de Ciências Naturais e Biológicas?**

Em Nível da **Formação Docente:**

- Não se pode afirmar que os professores a partir de suas vozes foram contemplados com o debate da sexualidade em sua formação inicial;
- Ausência de conhecimento teórico da temática objeto de estudo nesta investigação;
- A partir de sua formação docente, os professores não conseguem relacionar a teoria com a prática vivenciada no dia a dia do contexto escolar para a práxis de educar sexualmente os alunos;
- Não buscam por formação continuada para o debate da sexualidade;
- As Escolas não oferecem formação e tão pouco, preocupam-se com a educação sexual dos alunos, uma vez que a partir dos dados coletados não foi percebido nas falas ações e/ou projetos voltados para o desenvolvimento da sexualidade dos alunos no que tange a construção de elementos como o corpo em suas várias dimensões, gênero e identidade de gênero, diversidade sexual e respeito às diferenças.

Em Nível da **Práxis de Professores de Ciências Naturais e Biológicas:**

- Os Professores apresentam uma visão reducionista e empírica em relação à sexualidade de forma que não educam os alunos sexualmente, partem da ideia do conhecimento sobre sexualidade de forma preventiva tendo como ponto de partida somente conhecimentos biologizantes e higienistas;
- Não relacionam a sexualidade com o contexto de vida dos educandos;
- Estão presos a dogmas construídos a partir de sua construção Histórica, social e cultural onde seus argumentos estão fortemente impregnados dos aspectos religiosos e assim, percebem sexualidade como uma temática proibida e complexa;
- Não diferenciam orientação sexual de educação sexual por desconhecimento teórico;
- Apresentam falas impregnadas de preconceito e assim não percebem o ser humano em sua totalidade, ou seja, reduzem o Homem a mero artefato morfofisiológico o que produz uma práxis pedagógica permeada de mitos e contradições para o debate da sexualidade;
- A Escola em sua função social, em sua práxis, não desenvolve educação sexual para as famílias dos alunos, permitindo assim, um legado de tabus construídos provocando com que as Famílias continuem pensando na sexualidade como algo proibida e negligenciada.

### **Recomendações**

A partir do exposto neste trabalho verificou-se que a sexualidade abrange uma dimensão mais ampla do que se possa imaginar, e de fato influencia na vida pessoal e social dos indivíduos. A partir disto, buscou-se investigar o tema tendo como finalidade contribuir com a comunidade escolar da Cidade de Almeirim no Estado do Pará.

Não se pode negar, que muitas teorias abarcadas nesta pesquisa demonstraram a construção da sexualidade humana em suas várias dimensões (antropológica, biológica e sociológica), e que apesar de todos os avanços tecnológicos, e de mundo globalizado, ainda tem-se dificuldades de falar de sexualidade.

Assim, visando uma educação sexual humanizada e integradora, que considere os elementos estruturais importante para uma melhoria da qualidade de vida, tais como: responsabilidade, liberdade, respeito às diferenças, faz-se necessário, então, propor uma formação continuada em serviço, para os professores, a partir das propostas organizadas em documentos já legalizados, PCNs, que são referências para o aprimoramento didático-

metodológico e adequação social do modelo pedagógico brasileiro, apresentando os conteúdos referentes à sexualidade em três blocos, contendo os seguintes eixos norteadores: Corpo matriz da sexualidade, relações de Gênero, Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids.

Assim, recomenda-se que as escolas contemplem em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), um trabalho de formação continuada para os professores, promovendo oficinas durante a semana pedagógica, abordando os eixos norteadores mencionados, a partir de uma visão biopsicossocial, considerando especialmente a história de vida dos professores, visto que o desenvolvimento pessoal e profissional, de certa forma, é indissociável. Trata-se da necessidade de refletir as questões do corpo, gênero, prevenção e respeito à diversidade e diferenças dos indivíduos. É permitir que os professores repensem sobre sua própria sexualidade, seus sentimentos, atitudes e valores.

Portanto, este trabalho deve ser um momento dinâmico para problematizar e refletir sobre os temas relacionados à sexualidade, assim, ampliando a visão de mundo e de conhecimento dos professores.

Tendo em vista que a educação sexual também é tarefa da família, não podemos negligenciar a sua importância neste processo, uma vez que é no ambiente familiar que se constrói os contornos da educação, garantindo a transmissão de normas, valores e costumes que são a base da formação das gerações seguintes. Assim, recomenda-se que a escola desenvolva projetos de cunho formativo, relacionado à sexualidade que este possibilite a presença mais significativa dos pais na escola, visto que os saberes da escola se encontram em oposição aos valores tradicionais da família. Este processo formativo deve ser um dos eixos das ações da escola previsto PPP.

Pensar em construir uma proposta de formação para as famílias implica em garantir a participação efetiva das mesmas, considerando que a participação coletiva é uma das premissas da existência do PPP. Desta forma, essas ações conjuntas devem contribuir para que os pais tenham uma relação mais aberta com seus filhos, baseada no diálogo, assim resignificando sua forma de pensar no que diz respeito aos valores e tabus relacionados a sexualidade.

Essa proposição reflete uma ideia de educação e relação entre família e escola pautada na ação e reflexão contextualizada, visando à transformação social, ou seja, exercitar a práxis como referência inerente ao processo educativo escolar e familiar.

## REFERÊNCIAS

- BONFIM, Cláudia. (2012). **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papirus, Brasília (DF): SECAD/MEC; 2009. Acesso em: 18 de maio de 2014 Disponível em: [http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf) BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (1996). **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Fixa Diretrizes de Educação Nacional.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 9.ed. São Paulo: Atlas.
- CONTRERAS, José (2002). **A autonomia de professores**. São Paulo Cortez.
- DORSCH, Friedrich; *et al.* (2008). **Dicionário de Psicologia Dorsch**. 3 ed. Petrópolis, JR: Vozes.
- FARIA, Ana Beatriz G. (1997). **Ler a cidade - conhecer, desvendar, transformar - do projeto educativo ao projeto da cidade**. Mimeo.
- FOUCAULT, Michel (1998). **História da Sexualidade I**. A vontade do saber .Rio de Janeiro: Graal.
- FREUD, Sigmund (1978) .**Cinco lições de psicanálise. A historiado movimento psicanalítico. O futuro de uma ilusão. O mal estar na civilização**. Esboço de psicanálise/Sgmund Freud, seleção de textos de Jaime Salomão: tradução de Durval Marcondes... [*et al.*]. São Paulo: Abril cultural.
- FURLANI, Jimena (2007). **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- GATTI, Bernardete A. (2010) .**Formação de professores no Brasil: características e problemas**. Acesso em 15 de Abril de 2014. Disponível em: [http://www.cedes.unicamp.br/rev\\_apresentacao.htm](http://www.cedes.unicamp.br/rev_apresentacao.htm)
- LOURO, Guacira. L. (2013). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 15.ed. Petrópolis: Vozes.
- MELO, Sônia Martins; POCOVI, Rosi Maria de Souza (2002) .**Caderno Pedagógico: Educação e Sexualidade**. Florianópolis: UDESC
- MULLER, Laura (2013). **Educação sexual em 8 lições como orientar da infância à adolescência: um guia para professores e pais**. 2ªed. São Paulo: Academia do livro.
- NÓVOA, A. (1992). **Formação de professores e profissão docente**. *In*: NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

NUNES, César.; SILVA, Edna. (2000). **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados.

NUNES, César Aparecido (1987). **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus. QUIRINO, Glauberto da Silva (2014). **Prática docente em sexualidade e educação sexual no espaço escolar**. Curitiba: Appris.

SACRISTÁN, Gimeno J. (1998). **Aproximação ao conceito de currículo**. In. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed

\_\_\_\_\_(2000). **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed,

SAVIANI, Demerval (1999). **Escola e democracia**.32ª Ed. Campinas: Autores associados.

\_\_\_\_\_(2009). **Formação de professores**: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Rev. Bras. Educ., Abr, vol.14, no.40, p.143-155. ISSN 1413- 2478.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido (1999). Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 68, Dezembro/99. Acesso em: 15 de Março de 2015. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a13v2068>.

TELAROLLI JÚNIOR, Rodolpho (1997). **Sociedade, cultura e desejo**: a sexualidade humana. In: KUPSTAS, Márcio (Org.). **Comportamento sexual**. São Paulo: Moderna. TRIVIÑOS, Augusto N. S (2013). Introdução à pesquisa em ciências sociais. 1ªed. São Paulo: Atlas.